

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: *Folha da Tarde*

Class.: 1514

Data: 01.06.92

Pg.: _____

ÍNDIO BRANCO

Jovem paulistano fala guarani e vive em aldeia desde criança

Aos dez anos, menino classe média deixou a família para morar com índios em Parelheiros. Jekupé acredita que, em vidas passadas, foi um guarani e quer resgatar a cultura do seu povo

Claudio Augusto

“Eu nunca engoli muito a cidade”. Essa frase resume bem o temperamento do paulistano César Pepe, 25, que aos dez anos passou a se chamar Jekupé (pronuncia-se dicupé). Ele vive desde então com os cerca de 200 índios guaranis da Aldeia do Morro da Saudade, em Parelheiros (zona sul de São Paulo).

Ao contrário do que acontece nos filmes norte-americanos, Jekupé não foi capturado e obrigado a morar com os índios. Ele optou por isso. “Tive a revelação em um sonho de que sou um guarani que nasceu entre os brancos. Mas, se eu falar isso, aí é que vão dizer que pirei de vez.”

O encontro com os índios foi casual. “Conheci o pessoal nas ruas de Diadema.” Desde então, ele trocou a casa de classe média dos pais no Tatuapé (zona leste) pela aldeia. Os desenhos animados da TV —que ele via pouco— deram lugar às histórias da tradição guarani contadas pelos mais velhos. Os carrinhos dos garotos brancos foram substituídos pelo arco e flecha. O português passou a ser usado somente na escola —Jekupé concluiu o segundo grau. “As crianças e os mais velhos não falam português. Para falar com eles, tem que dominar o guarani”, afirma.

Mas não é a língua e tampouco os aspectos “materiais” da cultura indígena que

mais o atraem. “Eu sempre fui ligado à religião. Até hoje é o que mais me interessa.”

Durante o Oguapy —reclusão de cerca um mês a que os meninos índios são submetidos quando atingem a puberdade—, Jekupé conversava muito sobre o tema com o cacique da aldeia. Depois dessa cerimônia, o “índio branco” já passou por outros testes para marcar as fases em que os guaranis dividem a vida. “Na prova da água, você levanta de madrugada, no inverno, e tem que tomar banho no rio ou na nascente; na prova da formiga, tem que deixar a mão no formigueiro para elas morderem.”

Mas é preciso mais para integrar o grupo dos pajés, os feiticeiros da aldeia. A prova do fogo, de acordo com Jekupé, exige que o índio pise na brasa. “Não pode usar nada para curar o ferimento”, afirma.

Ele não é tão duro quando se trata dos pais, que enfrentaram a maior prova de suas vidas ao perder o filho único, de dez anos, para os guaranis. Jekupé volta ao Tatuapé em datas especiais para os “brancos”, como Natal e Dia das Mães. “Eu vou por causa deles. As nossas datas são diferentes.” Jekupé sabe que sua opção machucou bastante seus pais, mas não se arrepende da decisão que tomou há 15 anos.



Sérgio Andrade

Dois oós (casas) da Aldeia do Morro da Saudade, onde Jekupé cresceu

Índios passam dificuldades

A Aldeia do Morro da Saudade fica em uma reserva de 26 hectares, em Parelheiros (zona sul de São Paulo). Os 200 índios que moram ali, no entanto, só podem usar metade da extensão da área, que está em litígio na Justiça. A produção de mandioca —base da alimentação indígena— é pequena e não há o que caçar.

Isso faz com que muitos guaranis, em troca de um pouco de comida, deixem suas tradições de lado para ouvir as pregações do exército de religiosos que visitam a aldeia. O acesso ao local é proibido por lei, mas isso não funciona na

prática.

Para romper esse ciclo, Jekupé e outros índios estão construindo o Centro de Cultura Indígena Guarani Ambá Arandu. A idéia é ensinar para as crianças índias o que os adultos não lembram mais.

Uma entidade alemã doou US\$ 32 mil (Cr\$ 96 milhões) para o projeto, que deve ser concluído este ano. Segundo Jekupé, quando o centro estiver pronto, a briga contra as pessoas que querem a permanência dos índios em um estado de miséria intelectual e cultural vai ficar em pé de igualdade. (CA)